

Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem

Solange Terezinha de Lima*

Resumo

Este estudo apresenta algumas reflexões sobre a Geografia e a Literatura, sob uma abordagem humanística, considerando diferentes aspectos relacionados à percepção ambiental e à paisagem vivida, além de outros pontos tais como: sentido de espaço e lugar, valores e imagens respectivos ao meio ambiente.

Abstract

This study shows some reflections on Geography and Literature, under a humanistic approach, considering different aspects related to the environmental perception and to the living landscape, besides other points, such as: sense of space and place, values and images related to the environment.

Desde os primórdios da História das civilizações podemos observar que o Homem e as paisagens geográficas se encontram inseparavelmente unidos, revelando, assim, interações profundas, íntimas, sagradas ou profanas, mesclas de seu pensamento e de seu sentimento.

As inter-relações daí derivadas, não só abarcam os aspectos considerados biofísicos, mas também envolvem toda a riqueza das dimensões psíquica, mística, espiritual, estética, fazendo emergir um diálogo entre os diferentes níveis, que ilumina os estudos sobre a natureza das experiências humanas com os espaços, lugares e paisagens.

* Professora do Departamento de Geografia-IGCE-UNESP, Campus de Rio Claro. E-mail: aleph.Engenharia@uol.com.br - Hadra@uol.com.br

Enquanto cenários do mundo vivido, as paisagens geográficas vislumbram horizontes de símbolos e signos em contínuo dinamismo, transmitindo mensagens que falam, silenciosamente, da percepção, da valorização, da busca dos significados inerentes às uniões e rupturas do ser humano com seu espaço vivido.

A adaptação do Homem às diversificadas paisagens transforma-se, portanto, em parte significativa da história das mesmas. Nas paisagens encontramos os vestígios, as reminiscências, as relíquias da magnitude da história vivida pelas sociedades das diferentes culturas num passado remoto ou não, ou ainda no presente-futuro da contemporaneidade.

Mais íntima e individualmente, cada ser humano constrói, seleciona as paisagens que envolvem sua própria história de vida, numa revelação de símbolos que encerram em si as atitudes, percepções, os sonhos e sentimentos únicos, singulares, relativos às suas vivências. Estes símbolos atribuídos às paisagens vividas dizem respeito às maneiras de compreender a integridade e a complexidade das experiências, dos ritmos das relações existenciais com o mundo vivido, que, para Buttimer¹, “na perspectiva geográfica, poderia ser considerado como o substrato latente da experiência”.

Ainda na visão de Buttimer², o geógrafo humanístico, afinado com as vozes da Ciência e da Filosofia, não deveria ignorar nada daquilo que pudesse lançar luz sobre as complexidades dos relacionamentos do Homem com a Terra. Antes de tudo, deveria tentar “*um esforço combinado para reconciliar coração e mente, conhecimento e ação, em nossos mundos diários*”. Assim, se, de um lado necessitamos em nossos estudos da objetividade dos valores e conceitos científicos, por outro lado, ao nos encontrarmos diante de novas fronteiras da pesquisa geográfica, devemos buscar também os valores e visões subjetivos, sem uma recusa preconceituosa *a priori*, por carecerem de uma cientificidade explicável em termos racionais, lógicos.

¹ Anne Buttimer, “Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido”, Antônio Christofolletti (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo; DIFEL, 1985. p. 185.

² Idem, p. 167.

Numa outra explanação relacionada às bases fenomenológicas da Geografia, Relph³ tece considerações referentes aos vários ângulos e modos de experienciar as paisagens, ressaltando que, de todas estas experiências, “*talvez a do inscape seja a mais importante para nós, por ser ela que dá profundidade e significado às paisagens, e que nos liga a elas, por reforçar nossa individualidade*”. Neste sentido, as paisagens refletem um conjunto de significados diferentes e específicos para cada ser humano, conforme o caráter de nossas intenções e a natureza apresentada pelos ambientes encontrados.

Deste modo, na Literatura encontramos exemplos inumeráveis de narrativas sensíveis sobre a variedade de expressões existentes na perspectiva experiencial entre o indivíduo e seu mundo vivido, seu meio ambiente. A combinação e a compreensão dos aspectos objetivos e subjetivos concernentes à paisagem/mundo vivido apresentam-se no contexto de algumas obras literárias de forma que revelem justamente esta visão holística da experiência com o espaço, mais próxima da realidade do significado da essência da humanização das paisagens geográficas, naturais ou construídas.

Desta forma, as paisagens narradas encerram ambiências experienciadas intensamente pelos personagens, tanto no sentido da topofilia como no sentido da topofobia, relativa aos seus espaços e lugares. A paisagem geográfica captada pelo escritor não emerge simplesmente como matéria inanimada de um cenário estático, pois, ao mesmo tempo em que vivifica, é vivificada, mediante a memória e visibilidade de suas experiências, percepções e imagens.

O interesse pelos estudos das obras literárias sob uma abordagem geográfica não é recente. Desde a década de quarenta, os geógrafos franceses já manifestavam suas idéias no sentido de valorizar e recuperar a imensa riqueza de cunho geográfico que reside nos romances, contos, poesias, crônicas, entre tantos outros gêneros literários. Monbeig⁴ já alertava também que muitos

³ Edward C. Relph, “As Bases Fenomenológicas da Geografia”, *Geografia*, nº 7, vol. 4, 1979, p. 16.

⁴ Pierre Monbeig, *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

manuais de geografia comportavam “leituras geográficas” que não conseguiam transmitir as cores e os ritmos da vida no planeta, tornando-se enfadonhos, desestimulantes. Buscava, entretanto, mostrar ainda que muitas obras literárias, *não-geográficas*, conseguiam com sucesso despertar imagens vivas no espírito dos alunos, levando-os a uma compreensão mais próxima da realidade dos fenômenos geográficos.

Dessa forma, ao utilizarem a obra literária como um recurso ilustrativo a mais, assim como os mapas, as fotografias, etc., permitiriam à Geografia ampliar seu instrumental na compreensão das intrincadas relações espaciais. Ao analisar a questão, Monbeig⁵ nos traz a seguinte reflexão de Max Sorre sobre a interpenetração dos “domínios” geográfico e literário, considerando valores fundamentados na percepção e no significado da paisagem vivida:

“A primeira visão que um geógrafo tem de uma paisagem é a mesma de todos os homens: uma impressão global com seu cortejo de sentimentos e emoções, de elementos subjetivos, se preferirem. Como todo o mundo, ele é sensível às formas e cores, aos perfumes e sons. O que lhe é peculiar é uma maior aptidão a dissociar os elementos do quadro, a fixar a significação de cada um de seus traços evocando analogias longínquas, a descobrir o mecanismo da sua ligação, a torná-lo inteligível”.
(Sorre – 1933)

Porém, mesmo que sejam antigas as advertências quanto ao uso e aos cuidados por parte dos geógrafos, referentes ao material literário disponível enquanto recurso adicional, somente a partir da década de setenta é que os geógrafos vêm dedicando mais continuamente seus estudos relacionados com as perspectivas experienciais descritas pela Literatura. Estimulados pelo desenvolvimento da corrente humanística na ciência geográfica e sob uma abordagem fenomenológica que resgata o sentido do “*holos*” nas relações entre o Homem e a Natureza, os geógrafos passam a ressaltar o significado da subjetividade da experiência individual quotidiana com o meio ambiente, buscando em seus

⁵ Idem, pp. 225-226.

estudos sobre o espaço vivido captar o simbolismo das paisagens para as sociedades e indivíduos, não sob uma forma mecanicista, mas integrada, orgânica.

Frémont⁶, analisando a região enquanto espaço vivido, aponta a percepção como uma das relações fundamentais entre o Homem e o espaço, auxiliando na compreensão, não só da região, como de seus lugares, porque aquela não é produto do acaso, mas das relações vividas, combinando fatores como a individualidade e a intimidade de cada um.

Para este autor, o espaço vivido é o revelador das realidades regionais, constituindo a essência, o motivo do ser e do existir de uma região. Deste modo, é a apreensão dos componentes que estruturam e ordenam as realidades regionais – administrativas, histórica, ecológica, econômica, psicológica, que leva o Homem a sentir, a modelar este espaço conforme seus conhecimentos pessoais, sejam estes tênues, sejam profundos, sendo também influenciado pelo próprio espaço.

No jogo e nos reflexos dessas inter-relações, Frémont⁷ nos leva a “*redescobrir a região*”, que, segundo ele, consiste em “*procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens*”.

Ao percorrer sobre o criar e o recriar das nossas imagens do mundo e, conseqüentemente, das nossas percepções e impulsos, avalia a individualidade dos mesmos, para depois referir-se ao reflexo do sentido coletivo na criação das formas do espaço.

Nos caminhos referentes à investigação e estudos dos fenômenos regionais, o autor tece comentários sobre a procura necessária de novas perspectivas sobre a utilização de novos recursos, tanto em nível instrumental como em nível documentário, afirmando que a novidade pode, entretanto, ser uma velha senhora.

Assim considera, enquanto documento de investigação de certa realidade, a Literatura como uma área de grande atualidade, tendo em vista que um escritor, ao situar os indivíduos ou uma coletividade no meio de uma região, consegue traduzir os seus valores, dando uma visão reveladora da vida do espaço e dos lugares circunscritos à mesma.

⁶ Armand Frémont, *A Região, Espaço Vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.

⁷ Idem, p. 17.

Como as mídias modernas, os textos literários nos levam a uma leitura das imagens do espaço “*que condicionam as percepções e modelam, por retro-acção, novas realidades*”.⁸

Também considerando a Literatura como um documento revelador das subjetividades de uma determinada região, Claval⁹ aborda as relações entre a Geografia Regional e a Literatura.

Este autor trata, em seu trabalho, de alguns pontos voltados para questões pertinentes à análise do espaço da fase regionalista da literatura francesa. Claval questiona se ela é na realidade, um campo fecundo para as explorações das diversidades regionais da França ou se apresenta as relações entre os indivíduos e o espaço, somente em suas aparências superficiais, ou como ponto de partida para as narrativas.

Neste prisma, analisa alguns autores tais como Balzac, George Sand, Flaubert, Zola, entre outros, mediante os modos particulares de cada um, ao descrever as paisagens. Ao analisar o espaço narrado pelos escritores, tece considerações sobre as características sociais que aparecem, quase sempre destacadas, ao lado dos outros elementos visíveis da paisagem regional.

Para o autor, a apreensão da diversificação do meio ambiente é um caminho para a descoberta das peripécias da sociedade, nunca um fim em si mesma. Claval, analisando alguns escritores do século XIX, comenta sobre as condições reinantes no país, para que a atenção dos mesmos estivesse voltada às realidades locais, às determinações do meio e à diversidade das situações sociais. Para ele, a geração de romancistas dos anos compreendidos entre 1850 e 1860 legou uma imagem da França viva, precisa e colorida, enfocando um espaço onde dominavam as preocupações de caráter social e não apenas aquelas relativas às inquietações de ordem estética.

Ao levar em consideração a inserção destes escritores num contexto de conjunturas culturais, sócio-econômicas e políticas referentes às suas épocas e dos respectivos significados históricos, Claval avalia, reflexivamente, as formas intrincadas existentes nos

⁸ Idem, p. 99.

⁹ Paul Claval, “Le Thème Régional dans la Littérature Française”, *L’Espace Géographique*, nº 1, 1987, pp. 60-73.

romances, da relação e da interação dos autores/personagens que, embora possam parecer em certos casos superficiais, consistem de processos de identificação e percepção, cujas naturezas são profundas e complexas.

Também os geógrafos de língua inglesa, como Tuan, Pocock, Salter, Meinig, dentre outros, trouxeram contribuições sobre a temática Geografia e Literatura, aprofundando-se a produção destes trabalhos durante a década de setenta, continuando pelos anos oitenta.

Estes estudos abrangem tópicos variados tais como as colocações sobre o caráter geográfico da Literatura, o campo de inter-relações entre ela e a Geografia, as vantagens e os cuidados necessários que devem ser tomados pelos geógrafos em seus trabalhos nesta área, ao reconhecerem ambas como abordagens complementares nos estudos sobre aspectos da experiência humana com o espaço. Ainda foram estudados aspectos referentes à percepção do espaço e dos lugares por determinados escritores, as formas de descrição, de desfiguração de paisagens e sobre a importância da imagem literária criada como um canal de influências positivas ou negativas nos leitores sobre os diferentes lugares do mundo.

Tuan¹⁰, no início da década de setenta, ao escrever sobre os laços afetivos com o espaço, isto é, o sentimento de topofilia, discorre sobre alguns pontos relativos aos mundos pessoais de cada um de nós e também sobre as diferenças e preferências particulares envolvidas.

Ao comentar a respeito das possíveis correlações entre nossos traços de personalidade e temperamento com certas habilidades especializadas, tais como a visualização espacial, este autor ressalta a importância destas relações na estruturação do mundo. Ao destacá-las, discute as possíveis associações da habilidade de visualização espacial, da orientação no espaço com capacidade matemática e com a linguagem, tentando relacionar traços da personalidade com as habilidades espaço-verbais.

¹⁰ Yi-Fu Tuan, *Topophilia: a study of environmental perceptions, attitudes, and values*. New Jersey: Prentice-Hall, 1974.

Ao analisar sucintamente autores renomados como Tolstói, Dostoievski, Virgínia Woolf, T.S. Eliot, Tuan avalia os diferentes graus de percepções da realidade ambiental e a capacidade original de descrevê-las, das sensações e recordações evocadas, considerando que a habilidade de visualização espacial parece estar associada com as habilidades verbais na transmissão das imagens das experiências ambientais destes escritores.

Desta forma, o autor nos chama a atenção para a importância do recurso literário para os estudos do meio ambiente, mas precisamente, para os estudos voltados à percepção, atitudes e valores. Considera ainda que o sentimento topofílico é encontrado nas diversas expressões da Arte, servindo a Literatura como um veículo, por excelência, para a transmissão das mais intensas experiências humanas com o espaço, partilhadas tanto por aqueles que amam a Natureza, como por outros que não sentem nenhum amor por ela.

O autor nos lembra que os escritores, freqüentemente, conseguem captar o espírito de um lugar, através de suas sensíveis habilidades para descrever a personalidade da paisagem local. Pela maneira que os escritores atribuem valores à descrição do espaço, acabam por destacá-lo, introduzindo novos elementos que associam ou integram às paisagens, aos lugares, uma nova imagem, dando campo para novas explorações geográficas na área das Letras.

A respeito destes valores que, atribuídos ao espaço nos levam à criação e à visibilidade dos lugares, Tuan¹¹ recorre à literatura como uma fonte de recursos a mais, mostrando que uma de suas funções é justamente despertar a atenção das pessoas para determinados lugares que, sem o destaque dado pela arte literária, não seriam notados ou percebidos. Por meio da Literatura, a visibilidade de alguns lugares estende-se, amplia-se, fundamentada na humanização da sua paisagem, no seu caráter afetivo e simbólico.

¹¹ Yi-Fu Tuan, *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota, 1977.

Já no final da década de setenta, Tuan¹² amplia ainda mais seus estudos sobre as relações da pesquisa geográfica com a Literatura, apontando novamente esta como um campo muito rico para as explorações sobre a experiência humana com seus mundos sensoriais. Ao considerar a amplitude das perspectivas descortinadas pelo “*insight*” do escritor, como também a síntese da realidade subjetiva com a objetiva, nos leva às reflexões sobre a análise e à compreensão de situações relativas ao espaço.

Para este autor, a Literatura pode ser utilizada, basicamente, de três modos pelos geógrafos. Primeiramente, como um ensaio reflexivo sobre as possíveis formas do experimentar humano e de suas relações, oferecendo sugestões sobre o que o geógrafo pode olhar em seus estudos sobre o espaço social, por exemplo. Segundo, com uma supra-realidade que revela as percepções ambientais e os valores de uma cultura, servindo para o geógrafo, enquanto historiador, no levantamento de idéias.

Finalmente, como uma ambiciosa tentativa para alcançar o equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo, como um modo da síntese geográfica. Para os geógrafos, a Literatura é semelhante a um jardim, na opinião deste autor, que contém um caminho, que é uma arte de vastas formas, suficiente o bastante para incluir estas análises geográficas.

Ainda sobre as várias relações existentes entre a Literatura e a Geografia como uma das formas de estudarmos as perspectivas experienciais com o espaço, bem como do espaço vivido e de sua percepção, Pocock¹³, no início dos anos oitenta, organiza uma coletânea onde diversos autores procuram mostrar seus pontos de vista sobre a relevância do tema.

Estes trabalhos apresentaram uma grande amplitude entre os pontos abordados, que variam desde os que tratam da utilização dos recursos literários pelos geógrafos e da área de intersecção dos interesses, até àqueles de maior complexidade, que falam sobre a natureza da revelação geográfica na Literatura. Sob este ângulo,

¹² Yi-Fu Tuan, “Literature and Geography: Implications for Geographical Research”, David Ley and M. Samuels (ed.), *Humanistic Geography – Prospects and Problems*. Chicago: Maaroufa Press, 1978, pp. 194-206.

¹³ Douglas C.D. Pocock (ed.), *Humanistic Geography and Literature*. London: Croom Helm, 1981.

encontramos as referências ao potencial dos escritores em transcreverem as experiências de espaço e lugar com sensibilidade através das histórias de vida ou dos “*insights*” dos seus personagens.

Deste modo, o significado do espaço, das paisagens, em um romance, por exemplo, não está mais confinado às descrições de simples localização arbitrária, indiferente, ou restritivas pela falta de elementos em sua composição. Estes significados tornam o espaço e a paisagem revestidos de uma multiplicidade de sentidos, sob a conjuntura vivida e percebida pelo autor/personagem, onde notamos nítidas diferenciações temporais no modo de como percebemos os lugares durante o decorrer da vida.

Salter¹⁴, neste sentido, nos apresenta uma análise particularmente interessante, pois tem por objetivo incentivar o uso de romances como material didático, em acréscimo aos textos tradicionais de Geografia. Trata-se de um estudo do romance de Steinbeck, “*As Vinhas da Ira*”, analisado sob a luz da Geografia Cultural, onde Salter analisa a experiência relativa ao espaço vivido e às diferentes percepções dos personagens durante os processos de migração e adaptação numa paisagem regional em contínua transformação.

Para o mesmo autor, também é importante o uso da Literatura pela Geografia, porque a essência de ambos os trabalhos se constitui na análise dos próprios fatos da vida, que acontecem em nosso mundo, e nos processos humanos desenvolvidos em função das suas relações com o meio ambiente. Estes interesses emergem tanto na Ciência Social como na ficção literária, somente em diferentes perspectivas no que concerne às especificidades presentes na natureza dos seus estudos e observações.

Ainda podemos citar Hudson¹⁵, que vem reforçar este emprego da Literatura como uma fonte de informações diretas e

¹⁴ Christopher L. Salter, “John Steinbeck’s ‘The Grapes of Wrath’ as a Primer for Cultural Geography”, Douglas C. D. Pocock (ed.), *Humanistic Geography and Literature*. London: Croom Helm, 1981, pp. 142-158.

¹⁵ Brian J. Hudson, “The Geographical Imagination of Arnold Bennett”, *Transactions New Series*, vol. 7, nº 3, 1982, pp. 365-379.

indiretas para a Geografia, ao analisar a “*imaginação geográfica*” de certo autor e as suas origens e influências em sua obra.

Este autor também nos lembra que os escritores, com frequência, conseguem captar o espírito de um lugar, mediante a criatividade expressa nos inúmeros exemplos de refinadas descrições da paisagem. Estas sensíveis descrições, muitas vezes, são inspiradas pelo determinismo que certas condições ambientais tendem a gerar em relação à vida humana, em graus consideráveis, refletindo um verdadeiro senso geográfico por parte do escritor.

Através da maneira pela qual os escritores atribuem valores originais às suas descrições e narrativas sobre o espaço, acabam por destacá-lo em suas obras, de modo mais ou menos intenso, geralmente associado à própria experiência ambiental que possuem, adquirida pelo contato direto com o espaço através de viagens, entre outros casos.

Ao introduzirem novos elementos que associam ou integram uma nova imagem às paisagens e aos lugares, estão abrindo um novo caminho que nos leva a novas expedições geográficas nestes mundos da Literatura.

No tocante ao desenvolvimento destes trabalhos no Brasil, após os levantamentos bibliográficos, podemos verificar que se apresentam insuficientes e esparsos por várias décadas. Contudo, notamos que esta preocupação em utilizar a Literatura como um recurso geográfico não é recente.

Nos fins da década de quarenta, Segismundo¹⁶, num artigo inspirado pelas considerações sobre o tema feitas anteriormente por Monbeig, aponta algumas áreas de contato entre a atividade literária e a atividade geográfica, recordando que ambas andaram juntas no decorrer da História. A separação entre as mesmas, segundo o autor, deveu-se ao fato da Geografia ter-se tornado uma ciência independente dos demais conhecimentos.

Em seu trabalho, o autor ainda procurou relacionar alguns clássicos da Literatura universal e da brasileira que narram viagens e aventuras, ou diários sobre jornadas realizadas por regiões selvagens ou inóspitas, com o conhecimento geográfico encontrado

¹⁶ Fernando Segismundo, “Literatura e Geografia”, *Boletim Geográfico* nº 76, julho/1949, ano VII, pp., 327-332.

em suas páginas. Assim, considera estas obras como um excelente repositório de informações para a Geografia, principalmente por serem capazes de nos proporcionar uma “visualização” detalhada destes lugares, de suas paisagens.

Já na década de sessenta, Mota¹⁷ volta a discorrer sobre esta temática, analisando os pontos explorados anteriormente por Monbeig e Segismundo. Este autor vem reforçar em seu trabalho a necessidade de leituras não-técnicas em Geografia, mas que, sem dúvida, são subsídios preciosos para o entendimento e a visualização do fato geográfico.

No desenvolvimento destas idéias, este autor também comenta sobre a importância da Literatura nacional como um recurso na apreensão do conhecimento subjetivo das questões regionais brasileiras, associada aos relatórios técnicos. Mota concentra suas discussões sobre a importância da validade da atividade literária que, embora não seja intencionalmente geográfica, muitas vezes acaba colaborando com pura autenticidade para a melhor compreensão da Geografia Regional.

Como exemplo, procura mostrar que as obras da Literatura regionalista brasileira, com enfoque especial naquelas que se reportam à Região Nordeste, são excelentes contribuições que devem ser somadas aos estudos sócio-econômicos e históricos do país.

Ainda a propósito da utilização de textos literários como subsídios pedagógicos na Geografia, merece atenção o projeto desenvolvido por Oliveira e Machado¹⁸. Este trabalho relata a experiência didática sobre o ensino do Nordeste brasileiro visando, além da aquisição do conceito de região por parte dos alunos do curso colegial, a uma ampliação dos esquemas de ação e da apreensão do conhecimento das realidades regionais, de modo a integrar outros conteúdos interdisciplinares.

Para esta atividade foi selecionado o poema de João Cabral de Melo Neto, “Morte e Vida Severina”, como texto-base não só

¹⁷ Mauro Mota, *Geografia Literária*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

¹⁸ Livia de Oliveira e Lucy Marion C. P. Machado, “Um Estudo sobre a Aprendizagem de Região”, *Boletim de Geografia Teórica*, nº 2, 1971, pp. 95-106.

para a interpretação, mas como também para a procura da identificação e da relação dos aspectos e questões de interesse geográfico, na realidade regional nordestina, expressa porém, “*numa linguagem poética, mas dentro de um contexto espacial e temporal*”. Ainda segundo as autoras, este “*trabalho não esgotou todas as possibilidades, mas, sim, abriu as portas para uma nova visão da Geografia, em termos de didática*”.

No Brasil, os estudos geográfico-literários não foram incentivados e, conseqüentemente, não se desenvolveram, apesar destas incursões esparsas por alguns geógrafos nos domínios da Literatura e que deram assim suas contribuições para a diversificação do ensino e da análise geográfica. Porém, além destas considerações, deve ser frisado que muitas manifestações nacionais no campo das Letras estão impregnadas do que poderíamos chamar de caráter geográfico, ao relatarem os estilos de vida, as características sócio-culturais, as estruturas econômicas, agrárias, como a diversificação do meio físico do país através dos diferentes momentos de sua história. De acordo com Antonio Cândido e Castello¹⁹, mediante os relatos memoriais, crônicas, diários de viagens e expedições em terras brasileiras escritos durante os períodos das descobertas ultramarinas, resgatamos as informações necessárias para a reconstrução da paisagem histórico-geográfica do nosso país.

Cabe lembrar também aqui que muitos outros autores consideram a importância de caráter histórico-documental destes diferentes tipos de transcrições sobre as realidades encontradas no passado do Brasil, salientando as transformações sociais e econômicas ocorridas, bem como suas influências, diretas ou indiretas, nas conjunturas culturais e científicas daquelas épocas.

Mediante a recuperação destes relatos, encontramos as primeiras documentações, verdadeiros inventários, sobre as paisagens física e humana brasileiras, desbravadas e conhecidas, ou construídas, ricas em informações e referências curiosas sobre as realidades e os fatos aqui encontrados pelo colonizador europeu.

¹⁹ Antonio Cândido de Mello e Souza e José A. Castello, *Presença da Literatura Brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1964, vol. I, p.13.

Segundo Ferri²⁰, estes registros revelam descrições, não somente interessantes, mas por vezes ingênuas, combinando o aspecto pitoresco do desconhecido e do insólito encontrado neste novo país, em explanações que mesclam a investigação empírico-científica com reflexos poéticos ou aspectos fundamentados numa ordem cosmológica religiosa cristã e católica, por parte do europeu.

Assim, entre os primeiros registros, encontramos as crônicas dos viajantes como do lendário Hans Staden, reunidos numa edição datada de 1556. Também pertencem a este período os relatos de André Thévet, “*Les Singularitez de la France Antarctique, autrement nomée Amérique, et de plusieurs Terres et Isles Découvertes de Notre Temps*”, de 1558, e de Jean de Léry, “*Histoire d’un Voyage Faict en la Terre du Brésil, autrement dite Amérique*”, de 1578.

Dos primeiros historiadores das terras brasileiras, destacam-se Pero de Magalhães Gandavo com “*Histoire de la Province de Santa Cruz*”, em 1576; Gabriel Soares de Sousa, “*Tratado Descritivo do Brasil*”, em 1587” e, mais tarde, em 1730, Sebastião da Rocha Pita, com “*História da América Portuguesa*”. Nestas obras, encontram-se, ainda de acordo com Ferri, muitas referências às diversas culturas agrícolas desenvolvidas pelos colonizadores, bem como às formas de aproveitamento e utilização das espécies vegetais nativas, tanto por suas qualidades medicinais como pelas comerciais, no caso da exploração das madeiras, ou do cultivo das frutas tropicais, entre outras.

Dentre os sacerdotes e missionários, encontramos os legados das cartas de Pe. Manuel da Nóbrega, datadas desde a sua chegada em 1549 na expedição de Tomé de Souza, e de Pe. José de Anchieta, que chegou ao Brasil em 1553, com Duarte da Costa. Porém, o destaque fica pela presença de Frei Vicente do Salvador, com suas descrições sobre as qualidades de nossa flora em “*Materiaes e Achegas para a História e Geographia do Brasil*”, em 1627.

²⁰ Mário Guimarães Ferri, “*História da Botânica no Brasil*”, Mário Guimarães Ferri e Shozo Motoyama, *História das Ciências no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1980, vol. 2, pp. 33-88.

Entre as observações e estudos realizados pelos cientistas, registram-se os trabalhos de Georg Marcgrave, “*Historia Naturalis Brasiliae*”, em 1648, e de Wilhelm Piso, vindo na companhia de Nassau, “*Historia Naturalis Brasiliae*”, da mesma data que o anterior.

Posteriormente, nos séculos XIX e inícios do século XX, vários naturalistas visitaram o Brasil, individualmente ou em expedições científicas que visavam, principalmente, ao estudo e à coleta de espécies da flora e da fauna aqui encontradas, assim como observações de caráter etnológico. No século XIX, destacam-se os trabalhos de Auguste de Saint-Hilaire, desenvolvidos durante a sua permanência no Brasil de 1816 a 1822. De suas viagens pelo interior do país, legou-nos uma extensa obra que ainda é considerada como um manancial de informações minuciosas e ricas de interesse histórico para a Botânica, a Zoologia, a Geografia, a História e a Etnografia.

Neste período, ainda deparamos com a presença de Carl Friedrich von Martius e Johann Baptiste von Spix, destacando-se suas obras pelas abordagens de aspectos relacionados à taxonomia, botânica, fitogeografia, anotações sobre plantas medicinais, além de registros sobre as questões voltadas à antropologia e lingüística. Entre os trabalhos realizados em conjunto pelos dois cientistas, destaca-se “*Reise in Brasilien*”, de 1823. Dos trabalhos de Martius, temos “*Flora Brasiliensis*”, que constitui, segundo Ferri²¹, “*o esteio de toda a Botânica Sistemática Brasileira*”, e a organização de um mapa fitogeográfico onde aparece uma divisão do Brasil em cinco regiões naturais, não muito divergente das divisões atuais.

Muitos destes registros são acompanhados de croquis, desenhos à pena, carvão e aquarelas entre outras técnicas do desenho e da pintura, ilustrando em detalhes as imagens da paisagem ou de seus componentes, feitas pelos próprios naturalistas, ou, em outras vezes, por artistas que acompanhavam estas expedições de nível científico-cultural pelo país.

Nestas verdadeiras e preciosas obras de arte espalhadas pelo mundo e que retratam, com apurada percepção, cenas da vida colonial do país, elementos da fauna e da flora, tipos humanos,

²¹ Idem, pp. 33-88.

suas paisagens urbanas, bucólicas ou virgens daqueles tempos; destacam-se os nomes de Franz Post, Albert Eckout, Zacharias Wagener, Johann Moritz Rugendas e Jean-Baptiste Debret.

Muitos outros viajantes, cientistas e naturalistas estrangeiros e brasileiros deram suas contribuições, em maior ou menor escala, para o conhecimento das realidades brasileiras, nos diversos períodos de sua história. Ao se embrenharem em expedições pelos interiores do país, deixaram-nos uma herança de aventura e de registros pitorescos e interessantes sobre os fatos e coisas encontrados aqui, e que até hoje podem ser compartilhados conosco através da leitura de suas obras.

Igualmente, a riqueza das diferentes fases das artes literárias em nosso país nos legou renomados autores que muito contribuíram para singulares descrições da nossa sociedade e de seus estilos, valores, folclore, ou do ambiente natural, pela narrativa minuciosa destes aspectos diferenciados, conforme as regiões geográficas brasileiras. Por meio de descrições originais, tornaram o espaço narrado, mais do que um simples cenário, mas, verdadeiramente, um símbolo da própria vida, da realidade e sonho dos homens que por aqui passaram ou aqui viveram, confundindo seu povo com o próprio lugar e vice-versa.

Assim, conforme Bourneuf e Ouellet²², o espaço em muitas obras literárias foi expresso sob variadas formas, longe de ser indiferente, e revestido de uma multiplicidade de sentidos, constituindo, em algumas ocasiões, a própria razão de ser da obra.

No Brasil, os elos com a experiência ambiental foram enfatizados com o regionalismo que despontou como um dos momentos mais importantes de nossa literatura, chegando a tomar caracterizações bem definidas que marcaram verdadeiros ciclos no painel nacional das Letras. Alguns escritores chegaram até mesmo a defender a posição, inclusive de forma radical, de que a ficção se beneficia pelo contato com uma realidade concretamente demarcada no espaço e no tempo, por meio do conhecimento preciso, fundamentado na experiência direta com a paisagem da região.

²² Roland Bourneuf e Réal Ouellet, *O Universo do Romance*. Coimbra: Almedina, 1976, pp. 130-168.

Estes ciclos da literatura brasileira se alimentaram das peculiaridades regionais do país, muitas vezes em tons de denúncia de situações sociais e humanas dramáticas e deploráveis, em descrições marcantes do homem e da paisagem, sugerindo, a partir dos elementos e dos aspectos visíveis da paisagem, a dimensão mais profunda dos ângulos da realidade percebida do lugar.

Em relação às paisagens descritas em várias obras da nossa literatura, uma, dentre todas as demais, pareceu fascinar não somente nossos escritores, mas nossos poetas, músicos e pintores, do passado até a atualidade, inspirando a criatividade popular e a artística sob diversas manifestações ligadas às raízes do nosso folclore ou da própria paisagem.

Falamos, assim, da paisagem regional, que, pelas suas variações de fisionomia geográfica, sempre inspirou a transmissão das mais diversas experiências com o espaço por meio da literatura nacional, graças às características peculiares que as regiões brasileiras apresentam nos seus aspectos naturais e humanos, e que moldam até hoje a realidade da organização dos espaços, em seus diferentes níveis, nestas áreas.

Deste modo, a descrição hábil dos sentimentos topofílicos ou não das emoções ligadas à vida da região, dos modos, no decorrer da história do país, de como os escritores sentiram, perceberam e trabalharam a realidade destas experiências no plano de suas narrativas, faz desta paisagem uma constante em nossa literatura capaz de sempre ressurgir, causando-nos surpresa pela originalidade com que tem sido tratada.

Para Antonio Cândido e Castello²³, Taunay no século passado pode ser considerado um dos pioneiros na descrição e na observação das imagens da vida regional, sendo seu romance “*Inocência*” uma das obras-primas do regionalismo romântico. Este escritor possuía um conhecimento profundo e íntimo, registrando suas impressões das áreas conhecidas como “*sertões*”, mas no sentido de territórios desconhecidos do interior a serem desbravados de certa forma, colonizados, e que para ele ocupavam

²³ Antonio Cândido de Mello e Souza e José A. Castello, op. cit., pp. 95-102.

importante lugar como espaço vivido, experienciado e inspirador, a partir de suas bases reais, da sua ficção.

No panorama da Literatura Brasileira, muitos outros escritores conseguiram descrever as diversidades regionais, esquadrihando profundamente um ou mais aspectos destas realidades em seus romances, contos, poemas, sob tentativas de denúncias, implícitas ou explícitas, que variavam em tons de radicalismos, ironias, do pitoresco ao estilo anedótico, mordaz ou bem-humorado, das condições reinantes.

Estas tentativas de denúncias visavam a retratar a mentalidade das velhas e arcaicas estruturas sociais existentes em várias áreas do país, de modo que estas mesmas estruturas foram por muitas vezes traduzidas, literariamente, por situações conflitantes, expropriadoras dos direitos humanos numa sociedade que em muitos momentos ainda se encontra subjugada aos resquícios patriarcais sob formas disfarçadas, apresentando resistências ao seu próprio desenvolvimento sócio-econômico, bem como à solução de inúmeros problemas específicos à cada região e às transformações sócio-políticas exigidas pela modernização.

Cada uma das regiões geográficas do Brasil, justamente pelos elementos originais que diferenciam suas paisagens, pôde assegurar a sua visibilidade até mesmo além dos nossos limites territoriais, ultrapassando fronteiras, através das narrativas de muitos dos nossos escritores, fundamentadas, por vezes, na experiência pessoal do escritor com o seu espaço vivido.

Da região Nordeste, diversos escritores se destacaram mediante suas obras de cunho regionalista, através de várias décadas até o presente, e nomes como os de José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna figuram entre aqueles que mais se distinguiram.

Estes romancistas apresentaram em suas obras diferentes percepções de seu mundo vivido, narrando admiravelmente a dramaticidade da vida do nordestino, tanto nos aspectos sociais e psicológicos das relações com a paisagem, como nas relações sócio-econômicas geradas pelo sofrimento trazido pelas secas, da falta de infra-estrutura, das migrações, das condições de vida subumana decorrentes da miséria existente.

Nestas obras retratam ainda o apogeu do ciclo da economia açucareira, destacando os contrastes das classes sociais, das relações entre os senhores de engenho e coronéis, responsáveis por uma estrutura latifundiária arcaica, onde permearam as manifestações dos místicos movimentos de caráter messiânico, dos cangaceiros e jagunços “*guerreiros*” e “*messias*” de um Sertão.

Do Sudeste, mas em terras de Minas Gerais, surge Guimarães Rosa com seu mundo sertanejo dos Gerais, com o encanto de sua lírica de ressonâncias medievais e sua originalidade em descrever o sertão, de modo a torná-lo impregnado de valores universais, transcendendo as paisagens vividas e amadas permeadas pelas veredas do seu *Grande Sertão*.

Ainda no Sudeste, as paisagens paulistas das “*cidades mortas*” de Monteiro Lobato fazem parte da herança das grandes fazendas do período áureo cafeeiro no Vale do Paraíba, transmitindo sua experiência da vida no interior de São Paulo, com um grande poder de visualização, envolvendo adultos e crianças.

Na região Sul, também considerada como um campo rico em nosso regionalismo literário, devido à singularidade da paisagem física e humana dos pampas e à sua formação histórico-social, destacam-se os nomes de Érico Veríssimo e Viana Moog.

Assim sendo, muitos destes escritores marcaram sua presença no panorama brasileiro das letras, como verdadeiros divisores de águas ao adotarem novas formas de expressão em suas narrações que exigiam uma certa dose de ousadia em sua forma artística, porque não experimental, até mesmo, na criação de seus mundos e personagens e, conseqüentemente, na percepção dos mesmos. Mundos fictícios, sim, mas que nem por isso deixaram de ser reflexos da sensibilidade humana, conseguindo transpor os limites do imaginário, para descortinar resquícios de outros tempos, de suas estruturas sociais, suas ideologias, suas buscas espirituais e filosóficas, envolvendo os leitores na ambiência das suas épocas e dos espaços e lugares encontrados nas páginas de um romance.

Desta forma, através das obras literárias de cunho regionalista, podemos analisar o poder de visualização de um quadro ou de uma situação em um dado momento, mediante a percepção do escritor, fundamentada talvez em suas próprias

memórias, impressões, observações dos lugares em que viveu ou que, simplesmente, atravessou enquanto viajante, chegando então mais próximo da compreensão do sentido do espaço vivido, graças aos valores universais encontrados em suas obras.

Entretanto, a transposição dos elementos regionais se enriquece à medida que são colocados, paralelamente ao real que serve como lastro, as lendas, as estórias que fazem a saga de um povo, e que são capazes de nos conduzir muito além do meio circunscrito aos limites da região, fazendo-nos alcançar um mundo, ainda que possa parecer fragmentário, de dúvidas e questões que exigem uma profunda reflexão do sentido humanístico e que ultrapassem marcos circunstanciais de um tempo, de um espaço.

Assim, nas análises das paisagens regionais descritas na literatura como espaços vividos, construídos e interpretados segundo a identidade cultural e dos valores e instituições correspondentes às suas sociedades, a paisagem geográfica referente ao *sertão*, por exemplo, destaca-se como um espaço de intenso simbolismo para muito dos nossos maiores escritores.

Muitos dos aspectos da paisagem do sertão foram observados, percebidos tanto em críticos como em poéticos ângulos de visão, em imagens românticas ou realistas, mas sempre num processo contínuo de recuperação de uma realidade que se apresenta em grandes contrastes, em faces que mostram um pouco da essência humana e física que caracteriza estas imagens da paisagem sertaneja.

Desse modo, alguns de nossos escritores nos deixaram obras de renomado valor, não só pelos seus estilos, mas também por suas observações verdadeiramente holísticas deste mundo singular que é o sertão, enquanto paisagem natural ou como região vivida, em todas as nuances que a Vida possa manifestar, ou criar, não perdendo, com o passar dos anos, o valor de atualidade sempre considerado presente em muitas de suas obras.

Entre estes escritores, destacam-se sob diferentes abordagens e modos de percepção, influenciados por filosofias, ideologias, cosmologias e contextos históricos, os nomes de Coelho Neto, com sua obra "*Sertão*", e de Euclides da Cunha, com seu renomado "*Os Sertões*", obra referencial sobre aspectos histórico-geográficos do

sertão baiano e da epopéia sertaneja de Canudos, com o messianismo de Antônio Conselheiro.

Em meados de 1930, encontramos, entre os principais escritores deste período, a presença de Graciliano Ramos com uma percepção das paisagens sertanejas muito marcada pelas suas próprias experiências com este espaço durante sua infância e juventude, caracterizadas por uma relação Homem/Paisagem, com “suas reações devidas as reflexos condicionados por um sofrimento secular, por sua vez determinado pelas relações do homem com a própria paisagem e pela passividade ante os mais poderosos”, segundo Antonio Cândido e Castello²⁴.

Ainda segundo estes autores, através do enfoque psicológico dado por este escritor à paisagem regional do sertão nordestino, as descrições desta região não possuem a caracterização meramente de relatos ou depoimentos pessoais, mas alcançam a dimensão de um relacionamento telúrico universal.

Posteriormente, já na década de cinquenta, deparamos com Guimarães Rosa que caracterizou sua obra pela originalidade de sua visão do espaço sertanejo de Minas Gerais, renovando, através de seu estilo próprio, a dimensão do regional ao mediar através das imagens literárias, de acordo com Antonio Cândido e Castello²⁵ “fusão do local e universal, de presente e eterno, aproxima a sua obra das grandes experiências literárias da cultura moderna”.

O livro de valor universal a que os autores se referem é a inestimável herança rosiana, “Grande Sertão: Veredas”, um dos romances considerados entre as obras-primas da Literatura Contemporânea. Nesta obra, Guimarães Rosa nos apresenta uma percepção da paisagem regional do sertão mineiro, que renova a apreensão e o conhecimento da realidade desta região.

Isto se dá, tanto pela forma em que nos é apresentado o desenvolver das vivências sertanejas locais, como também pelos valores e significados atribuídos e que lhe conferem a dimensão do que é universal, ao mesclar a criação literária e a reflexão filosófica.

²⁴ Antonio Cândido de Mello e Souza e José A. Castello, *Presença da Literatura Brasileira*, vol. III, São Paulo: DIFEL, 1964, p. 295.

²⁵ Antonio Cândido de Mello e Souza e José A. Castello, *Presença da Literatura Brasileira*, vol. III, São Paulo: DIFEL, 1964, p. 372.

Ao partir de uma matriz construída num espaço regional (e vivido), caracterizado por um meio ambiente rústico e pitoresco que, no entanto, se apresenta em relações múltiplas, fundamentadas no lastro da experiência pessoal do escritor com esta paisagem, Guimarães Rosa nos transmite um sertão-espaço de inquietações e reflexões universais, que revelam paisagens “*habitadas*” por sentimentos e estados de espíritos individuais e/ou coletivos, atemporais.

Desta forma, leva-nos à descoberta de uma paisagem interna a partir da exterior que pode, como que magicamente, coexistir em qualquer outra paisagem do mundo, porque está contida, com suas devidas adaptações e transformações, no íntimo de todos os Homens, seja no anonimato solidário dos ermos de um grande sertão, seja no anonimato solitário dos centros das metrópoles. Em ambos os casos, propiciando a formulação de nossas experiências com o mundo vivido e a decifração de pensamentos e percepções sobre este mesmo mundo.

Ao transpor, desta maneira, os limites geográficos regionais do sertão mineiro, os *Gerais*, Guimarães Rosa conseguiu alterar a própria percepção da vida sertaneja, buscando na essência do sentido das palavras a lógica do pensamento sertanejo, renovando as imagens deste espaço, ao descrevê-lo como se fosse ou tivesse, verdadeiramente, a dimensão ou amplitude de um universo, levando-nos por entre veredas e travessias a uma visão cosmológica deste “*sertão-mundo*” dos Gerais.

Considerações finais

Em todas as épocas encontramos inúmeros exemplos de escritores e de outras pessoas que, através de suas narrações, nos legaram páginas que se constituem em verdadeiros documentos histórico-geográficos dos tempos e dos espaços em que viveram. Estes relatos, em sua maioria, trouxeram ao nosso conhecimento, ou do ponto de vista científico ou empírico, contribuições imensas e perspectivas novas de análises. Ao escreverem sobre os aspectos do mundo por eles vividos, deixaram-nos como heranças perspicazes registros das diferentes realidades percebidas nos

vários momentos, tanto nos aspectos subjetivos como nos objetivos, isto é, nos concernentes às realidades interior e exterior.

A Literatura, em todos os seus períodos - desde o arcaico, helênico ou latino, através de seus épicos, do medieval, com suas canções de gestas, até às variadas obras escritas em prosa ou verso dos séculos posteriores e contemporâneo - nos legou, além de sensíveis expressões das diversas fases da História das Artes, registros que podem servir como base para outros estudos no campo da Ciência, pois espelham as interações entre o Homem e seu meio ambiente. Por meio das formas de expressão artística desenvolvida na área das letras, temos muitos pontos de partida para diversificadas análises científicas em Psicologia, Psiquiatria, Linguística, Semiótica, Sociologia, História, Geografia, entre outras.

No campo da Geografia, Lima Ferreira²⁶ considera que as pesquisas sobre percepção do ambiente encontram na Literatura uma aliada que vem enriquecer muito o desenvolvimento dos seus estudos, levando em conta que vários escritores e geógrafos têm um ou mais pontos em comum relativos à natureza das percepções, das experiências ambientais, ou seja, as experiências com o espaço e com o sentido de lugar, embora sigam suas linhas particulares de trabalhos, a Arte e a Ciência, respectivamente.

Para os escritores, o meio ambiente deixa de ser apenas um pano de fundo secundário, recuperando sua importância para o equilíbrio material e psíquico dos indivíduos. Deste modo, passa a ser descrito, não como um ponto de partida para as histórias, por meio de uma imaginação pura e simples dos autores, mas, sim, por uma imaginação desenvolvida a partir das observações, diretas ou indiretas, dos próprios escritores, da realidade dinâmica e concreta vivenciada no espaço. Partindo destas observações, elaboram o material recolhido, registrado: o estudo das possíveis sensações ante as diferentes situações ambientais; a forma de como transmitir as experiências vividas ou, simplesmente, imaginadas, através das

²⁶ Solange T. de Lima Ferreira, *A Percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no "Grande Sertão: Veredas"*, dissertação de mestrado apresentada ao IGCE/UNESP, 1990, pp. 08-09.

personalidades dos personagens, ou ainda, através dos filtros que modelam a percepção do escritor.

Pocock²⁷, ao relacionar a ficção literária com os estudos geográficos, considera a importância da natureza da investigação e dos aspectos da experiência ambiental como partes da condição humana. Saliencia também que o ponto de partida é o conhecimento da percepção do próprio escritor, uma vez que, ao articular as visões interna e externa sobre os lugares, o escritor promove, desse modo, as bases para o reconhecimento de uma nova percepção, uma nova consciência, isto é, um novo “*insight*” sobre a realidade do espaço ou do lugar.

Mediante estas experiências que narram as situações do dia-a-dia do relacionamento Homem-meio ambiente, encontramos desde os seus aspectos mais descritivos, como a fisionomia geográfica dos lugares, das regiões, até as complexas relações e interações envolvendo aspectos mais subjetivos e profundos, ou mesmo patológicos, como o espaço.

Assim, os geógrafos encontram vários pontos de tangência que lhes despertam o interesse para o material oriundo da literatura, como um recurso adicional em suas pesquisas e estudos sobre os processos interativos entre o Homem e suas paisagens, a partir da percepção do escritor relacionada às estruturas do espaço físico natural ou construído.

O estudo destas relações entre a Geografia e a Literatura amplia-se, quando analisamos estes espaços como geradores de situações psicológicas e sociais, ao serem escolhidos e disputados pelos próprios indivíduos conforme suas preferências pessoais ou pelos atrativos do lugar, ou quando impostos por decisões alheias à vontade própria, enquanto espaço vivido. Nestes casos, onde o elo afetivo com o espaço é percebido e estabelecido sob diferentes ângulos, encontramos inúmeros exemplos na Literatura, que se constituem em uma fonte abundante de material para a inquirição geográfica.

Desta forma podemos notar que é precisamente a percepção da realidade da vida humana nos diversos lugares do mundo,

²⁷ Douglas, C.D. Pocock (ed.), *Humanistic Geography and Literature*, London: Croom Helm, 1981, p. 15.

próximo ou longínquos, que constitui uma das fontes de material para o romancista criar sua ficção. A imaginação e a própria percepção da realidade são, na Literatura, as responsáveis por verdadeiros caleidoscópios de experiência humanas com a Natureza. Através da criação da imagem literária, os escritores têm o poder de influenciar, direta ou indiretamente, a construção de imagens mentais pelos leitores sobre determinados lugares, paisagens, ou ainda, influenciar suas atitudes ou condutas em relação ao meio ambiente, promovendo até mesmo uma nova consciência nestes indivíduos.

O conhecimento dos lugares, ainda que somente de modo conceitual, adquirido pela leitura das obras literárias, não deixa de ser uma forma de experienciar as diversas faces do espaço. Através do contexto dos romances, por exemplo, o espaço de uma determinada localidade deixa de ser amorfo, para adquirir uma aura de significados muitos especiais que nos sensibilizam e influenciam nossas atitudes ambientais.

Nossa visão a respeito desses lugares passa a se associar com a visão do escritor e permite que nossa consciência seja aguçada, ampliada, renovada pelo conhecimento recém-adquirido. Por meio deste novo saber, criamos uma visibilidade para os lugares descritos e/ou vividos, baseada na informação e na emoção secundárias, mesmo que estes tenham pouca ou nenhuma significância visual e, que na maior parte das vezes, passem despercebidos, ao estarem inseridos num contexto paisagístico mais amplo e de maior significado. A visibilidade destes lugares é assegurada pelo escritor, ao transcrevê-los intimamente ligados aos estados de alma, aos sentimentos, sonhos e ritmos das atividades humanas no cotidiano, através dos seus personagens.

Os geógrafos podem extrair da Literatura uma fonte de informações e mensagens que, embora subjetivas e secundárias, enriquecem seus estudos. Ao relacionarem os vários temas literários que abordam sob ângulos diferenciados a experiência do sentido de lugar, encontram-se diante de espaços de significados, com valores afetivos intensos, com um conhecimento que abarca, simultaneamente, o sentimento, a familiaridade e a intimidade.

Quando analisamos, geograficamente, as tramas e enredos que envolvem os personagens num dado espaço e tempo, descritos

minuciosamente ou apresentados de forma relativamente indeterminada, descobrimos sob outros prismas faces dos processos de interação com o meio ambiente, particularmente, quanto às atitudes, condutas, identificações com o espaço, com seus lugares e sobre suas formas de atribuir valores, signos e símbolos às paisagens.

Diante destes dados, conforme Pocock²⁸, as qualidades da descrição ambiental e da observação das paisagens registradas pelos escritores e poetas tomam-se um fato reconhecido entre os geógrafos. O campo literário passa a ser explorado por estes sob vários pontos de vista, onde a ênfase nos aspectos ambientais seria de acordo com as abordagens e diretrizes escolhidas para a análise dos aspectos objetivos e subjetivos da paisagem descrita e valorizada por um escritor.

Deste modo, a natureza das expressões literárias pode ser vista como verdadeiros “*insights*” capazes de nos desvendar aspectos do relacionamento entre o ser humano e o espaço – a compreensão dos nossos pensamentos, sentimentos, atitudes e ações referentes às múltiplas realidades existentes no espaço, ainda que sob a ótica individual de um escritor ou poeta, tendo em vista a qualidade de suas observações e a elaboração dos elementos percebidos na criação das imagens mentais.

Este entendimento nascido do “*insight*”, encontrado em muitas obras de Literatura, nos mostra um pouco dos universos que existem no âmago da natureza de cada um, e de suas percepções singulares e diferenciadas, conflitantes ou harmoniosas sobre o espaço, em nível pragmático ou mítico, mas que envolve, de certa maneira, toda a própria vivência.

A Literatura também pode ser vista, deste modo, como um canal de informações entre o escritor e os leitores, sobre a heterogeneidade das experiências humanas com a Natureza e sobre o significado dos lugares, afetados pelas mudanças temporais. Para Cook²⁹, a Literatura torna-se um dos canais indiretos que estimula

²⁸ Douglas C.D. Pocock, “The Novelist’s Image of the North”, *Transactions New Series*, vol. 4, number I, 1979, p. 62.

²⁹ Ian Cook, “Consciousness and the Novel: Fact or Fiction in the Works of D.H. Lawrence”, Douglas C.D. Pocock (ed.), *Humanistic Geography and Literature*, London: Croom Helm, 1981, pp. 66-84.

e desenvolve o conhecimento do mundo que nos rodeia através das formas de apreensão da realidade pelos indivíduos por meio da percepção sensível e profunda, alcançada por alguns escritores em suas obras. Estes canais, portanto, nos fornecem dados que complementam nossa bagagem experiencial direta, imediata ou não. Também contribuem para uma melhor interação entre a realidade espaço-temporal e as imagens mentais individuais desta mesma realidade. Contudo, convém lembrar que estes canais de mensagens mútuas estão sujeitos à seleção e distorção dos processos informativos e/ou perceptivos, bem como à avaliação dos significados das mensagens recebidas através do romance, ou outra forma de expressão literária.

O espaço presente nestas obras passa a transcender a sua função, o seu papel de simples ambientação estética ou de conferir maior autenticidade às histórias. A relação entre escritor/leitor e espaço/lugar assume forte magnitude, pois o meio ambiente descrito pela narrativa se vincula, diretamente, aos destinos humanos, fictícios ou reais, desvendando os traços psicológicos e justificando as atitudes dos personagens.

Neste contexto, por meio dos instantâneos da Vida, captados e trabalhados pela Literatura, mas que tiveram o poder de cristalizar um momento do tempo em suas páginas, temos a possibilidade de conhecer algumas faces das legítimas tentativas humanas de redimensionamento da realidade através dos seus espaços – da busca contínua de respostas sobre a nossa história, da organização e construção dos nossos espaços vividos, assim como também da simbologia e significado do espaço no desenvolvimento dos nossos processos de adaptação nas sociedades. Deste modo, algumas formas de expressão literária, em prosa ou verso, constituem, não apenas genuínos legados da comunicação artística humana, mas excertos das transformações que a humanidade cristalizou e transmitiu no desenrolar dos séculos, sobre suas relações, sagradas ou profanas, com a Natureza e com as paisagens. Ainda mais do que isto, esses relatos constituíram-se em ressonâncias do poema metafísico que é o próprio Homem, e sua Vida em seus espaços e lugares.